

Editorial

Paradigma da Existência

Existe vida na terra há milhões de anos. Durante esse período, milhares de espécies de seres vivos povoaram e desapareceram do nosso planeta. A seleção natural nos fez permanecer existindo. É interessante pensarmos que nossos ancestrais, os homens das cavernas, tão irracionais e primitivos, foram também guerreiros hábeis, permitindo a sobrevivência e o desenvolvimento da nossa espécie até os dias de hoje.

Que vontade de existir é essa que resiste à violência, à fome, às guerras, ao desamor e às doenças? Estamos lutando, caindo e levantando, enfrentando diariamente a desesperança de ver os nossos esforços não serem tão efetivos como esperávamos. Recentemente foram divulgados os resultados pouco animadores da maior pesquisa realizada com uma vacina anti-aids. A aids Vax revelou-se ineficaz na prevenção da doença a ser utilizada em larga escala. A vacina só conseguiu imunizar 3,8% dos voluntários, na sua maioria negros e asiáticos. Ainda não foi dessa vez, refletimos tristemente. Quantas pessoas maravilhosas com suas mentes criativas ainda vão morrer, vítimas dessa serpente de muitas cabeças ou demônio de várias faces que se constitui hoje o mutante e indecifrável vírus do HIV. Que força descomunal possui esse pequeno ser, que ao se relacionar intimamente com a sexualidade humana, impõe limites a uma racionalidade conquistada com esforços durante todo período evolutivo da nossa espécie. Nós já conhecemos o inimigo e sabemos como o encontrar. O que nos impede de vencer mais uma guerra? Será que já estamos evoluídos o suficiente para derrotá-lo?

Essa questão nos remete a um outro problema do nosso mundo globalizado: o perigo de uma guerra iminente e de consequências imprevisíveis. O país mais poderoso e tecnicamente mais evoluído propõe ao mundo uma guerra legítima para depor um tirano sádico que ameaça a paz no nosso mundo. A dúvida é: será que existe ou já existiu alguma guerra que tenha sido justificável? A morte intencional de qualquer indivíduo da nossa espécie é no mínimo irracional, considerando os esforços que fazemos diariamente para nos mantermos vivos. Como cidadãos, tentamos nos proteger e às nossas crianças da violência das nossas cidades, das drogas, dos desajustes sociais e das doenças. Como médicos e profissionais da saúde, a vida é a nossa prioridade, a nossa preocupação maior e, talvez, para alguns, a razão da nossa existência.

Será que, após grandes conquistas, a espécie humana está ameaçada de perder o instinto básico de sobrevivência? Parece-nos contraditório que façamos tantos esforços para permanecermos vivos, que nos preocupemos tanto com um vírus que ameaça nossa espécie e, ao mesmo tempo, pensemos ainda em destruir semelhantes. Ao perdemos a nossa sanidade e fé nos nossos semelhantes, estamos diante do que parece ser a quebra do maior de todos os paradigmas, que seria a nossa existência.

ANA KATHERINE DA SILVEIRA GONÇALVES

Prof^a Assistente do Departamento de
Tocoginecologia da UFRN
Doutoranda do Departamento de Tocoginecologia da
Faculdade de Ciências Médicas/UNICAMP